



REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 10, Nº 2, 2º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

A CRIAÇÃO DA ESCOLA GOIANA DE BELAS ARTES E A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DAS OBRAS DE VEIGA VALLE EM GOIÂNIA

THE CREATION OF THE GOIANA SCHOOL OF FINE ARTS AND THE FIRST EXHIBITION OF VEIGA
VALLE'S WORKS IN GOIÂNIA

DOI: <https://10.5281/zenodo.14984464>
Envio: 03.06.2024 - Aceite: 04.08.2024

Fernando Martins dos Santos

Doutorado em História pela Universidade Federal de Goiás (2023). Atualmente é professor de História - Secretaria Estadual de Educação e Cultura de Goiás e professor de História e História da arte na rede particular. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: Veiga Valle, Cidade de Goiás, arte sacra, tradição vilaboense e identidade.

RESUMO

A Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), fundada em 1952, foi crucial na modernização do cenário artístico de Goiânia, promovendo uma arte moderna e inovadora. Contudo, o artista Veiga Valle, associado à tradição cultural de Vila Boa de Goiás, representou um contraponto a essa modernidade. Segundo Santos (2018, 2023), Veiga Valle foi ressignificado como símbolo da arte tradicional goiana. A exposição de suas obras na exposição da EGBA evidenciou o diálogo entre o tradicional e o moderno, refletindo a integração crítica das identidades artísticas locais na nova capital.

PALAVRAS-CHAVE: Veiga Valle; Cidade de Goiás, EGBA

ABSTRACT

The Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), founded in 1952, was crucial in modernizing the artistic scene in Goiânia, promoting modern and innovative art. However, the artist Veiga Valle, associated with the cultural tradition of Vila Boa de Goiás, represented a counterpoint to this modernity. According to Santos (2018, 2023), Veiga Valle was redefined as a symbol of traditional art in Goiás. The display of his works at the EGBA exhibition highlighted the dialogue between the traditional and the modern, reflecting the critical integration of local artistic identities in the new capital.

PALAVRAS-CHAVE: Veiga Valle; Cidade de Goiás, EGBA

A Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), fundada em 1952, desempenhou um papel fundamental na transformação do panorama artístico de Goiânia, uma nova capital de Goiás. Ao estabelecer-se em um momento de modernização e urbanização do estado, a instituição teve como missão promover uma arte alinhada aos princípios da modernidade, que dialogasse diretamente com os movimentos estéticos contemporâneos da época. Nesse contexto, a EGBA se posicionou como um espaço de vanguarda, fomentando um ambiente artístico inovador e distante das tradições artísticas regionais.

Entretanto, a figura de Veiga Valle, um artista intimamente relacionado com a tradição cultural vilaboense, surge como um contraponto dentro dessa proposta modernista. Segundo Santos (2018), Veiga Valle havia sido reinterpretado e recontextualizado, sendo protegido pela tradição de Vila Boa de Goiás (atual cidade de Goiás) como o maior representante da arte tradicional goiana. Santos (2023) destaca que essa ressignificação de Veiga Valle consolidou sua imagem como símbolo da continuidade de uma estética artesanal e devocional, própria da antiga capital do estado.

A presença de suas obras na exposição inaugural da Escola Goiana de Belas Artes revela um interessante diálogo entre o tradicional e o moderno, entre a arte sacra e popular, representado por Veiga Valle, e os novos paradigmas artísticos que emergem com a fundação da EGBA. Esse encontro reflete o processo de negociação e integração de identidades artísticas, onde uma tradição local não é rejeitada, mas incorporada de forma crítica e simbólica dentro do contexto da nova capital.

Para uma compreensão adequada da fundação da Escola Goiana de Belas Artes em 1952, é necessário retroceder alguns anos, identificando a gênese de sua criação, vinculada à Sociedade Pró-Arte de Goiás.

A Sociedade Pró-Arte de Goiás foi fundada em 1945, por um grupo de entusiastas das artes em geral, com ênfase especial na música (FIGUEIREDO, 1979). Idealizada pelo arquiteto, pintor, escultor e músico José Amaral Neddermeyer (1894-1951), uma sociedade que surgiu com o objetivo de congregar os artistas da cidade. Em sua apresentação, no dia

22 de outubro de 1945, realizou-se um recital no Jockey Clube, que contou com a apresentação de uma orquestra e marcou a abertura da 1ª Exposição de Artes Plásticas e Arquitetura que reuniu 10 trabalhos¹⁴.

A partir de sua inauguração, a Sociedade Pró-Arte de Goiás se estruturou e organizou seu Estatuto, no qual ficou evidente o seu papel para divulgar e incentivar a arte goiana e não se pensar, especificamente, em uma arte moderna.

As exposições da Sociedade Pró-Arte passaram a acontecer na época em que se comemorava seu aniversário de fundação. A 2ª Exposição já contou com 17 participantes que apresentaram 67 trabalhos, de forma que alguns artistas da Cidade de Goiás tiveram obras expostas, como: Octo Marques¹⁵, José Edilberto da Veiga¹⁶, Regina Lacerda¹⁷ e Inácio Veiga¹⁸. Em um texto publicado no jornal Folha de Goiás, o idealizador da Sociedade Pró-Arte, José Amaral Neddermeyer, fez um breve histórico sobre a arte em Goiás, afirmando que o bom gosto pela arte e sua qualidade se iniciaram com o santeiro e que essa arte passou para as futuras gerações dos Veiga:

(...)

É que esse gosto pe inato no goiano já conhecido pelo seu amor a música, e revelado agora também com respeito as artes plásticas. Aliás, Goiás já tem tido, no passado, cultores das artes plásticas, e citamos entre outros os sempre lembrados **José Joaquim da Veiga Vale e Henrique da Veiga Jardim, pai e filho, escultores de grandes méritos, de quem já tive o prazer de apreciar alguns trabalhos.**

¹⁴ A Orquestra Pró-Arte, conduzida pela batuta de Erico Pieper, desenvolveu por sua vez um magnífico programa com variados números de música clássica e produções de autores brasileiros, sendo vivamente aplaudidos pela assistência. Além do recital, procedeu-se pouco antes do seu início e no mesmo local, à inauguração da Exposição de Escultura, com estudos e máscaras de Neddermeiyer e Brasil Grassini; da Exposição de Pintura, com óleos, aquarelas e crayon de Peclat de Chavanes, Neddermeiyer e Neddermeiyer Filho, e da Exposição de Fotografia, com trabalhos diversos de Sílvio Berto (FOLHA DE GOIAZ, 28 de outubro de 1945, p02.)

¹⁵ Octo Outorino Marques – Nasceu na Cidade de Goiás em 08-10-1915, onde faleceu em 22-4-1988. Escritor, pintor, gravador e desenhista de formação autodidata (MENEZES, 1998).

¹⁶ José Edilberto da Veiga Jardim - Nasceu na Cidade de Goiás em 1906 e faleceu em Goiânia em 1975. Era pintor e desenhista. Atuou na Sociedade Pró-Arte e um dos fundadores da Escola Goiana de Belas Artes e do Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás (MENEZES, 1998).

¹⁷ Nascida na Cidade de Goiás em 25-06-1919 e faleceu em 14-2-1992. Pintora, desenhista, professora e escritora. Foi uma dedicada pesquisadora do folclore goiano e brasileiro (MENEZES, 1998).

¹⁸ Inácio da Veiga Jardim - nasceu na Cidade de Goiás em 07-03-1918 e faleceu em Goiânia em 20-10-1990. Era desenhista (MENEZES, 1998).

É propósito da < Pró-Arte > fazer reunir todos esses trabalhos, para reuni-los na exposição do ano que vindouro, como uma homenagem muito merecida aos seus autores. No presente, aí estão, para conformar êsse pendor as artes plásticas, as telas dos goianos Octo Marques, José Edilberto da Veiga, Regina Lacerda e Inácio Veiga (**sempre os Veiga...**) (FOLHA DE GOIAZ, 06 de novembro de 1946, p.03) (grifo nosso).

É relevante ressaltar que nenhuma obra de Veiga Valle foi exposta no evento em questão. No entanto, ao mencionar os artistas vilaboenses que participaram da exposição, o seu nome foi imediatamente associado à ideia de precursor, evidenciando que, na antiga capital, já havia uma produção artística consolidada. O texto reforça a hipótese de que Veiga Valle foi progressivamente apropriado como referência quando se tratou das primeiras manifestações artísticas em Goiás, sendo seu sobrenome uma chancela de qualidade.

Conforme recomendado por José Amaral Neddermeyer, a Sociedade Pró-Arte tinha como objetivo, no ano seguinte, realizar uma exposição em homenagem a Veiga Valle e Henrique da Veiga Jardim, confirmando-os como precursores da arte goiana. Contudo, uma análise documental revelou que essa homenagem não ocorreu durante a 3ª Exposição da Sociedade Pró-Arte de Goiás, em 1947, sem que fossem conhecidos os motivos da desistência ou impossibilidade de sua realização. Ainda assim, é evidente a tentativa de estabelecer uma conexão entre os artistas da antiga com a nova capital.

A 3ª Exposição da Sociedade Pró-Arte de Goiás conseguiu reunir 145 trabalhos, tendo a Cidade de Goiás mais expositores¹⁹ que a exposição anterior, e mais da metade das pinturas. Foram expostas 120 telas e a antiga capital foi representada por 74 delas. A partir daquele ano, a Sociedade Pró-Arte se enfraqueceu, provavelmente devido a questões financeiras (FIGUEIREDO, 1979). Sobre a atuação da Sociedade Pró-Arte, Jacqueline Siqueira Vigário (2017) coloca que ela não era imbuída da atitude de destruir o “velho”, de combater a mentalidade acadêmica tradicional que orientava os preceitos estéticos de alguns artistas

¹⁹ Participaram como expositores: José Edilberto da Veiga, Octo Marques, Regina Lacerda, Ipiranga Curando, Goiandira Aires do Couto, Arrtel Veiga Costa Campos e Olay Veiga (FOLHA DE GOIAZ, 22 de outubro de 1947, p.02).

da época, afinal precisavam tratar com o que estava disponível em Goiás. Ainda sobre a Sociedade Pró-Arte, “foram esses esforçados encontrados que primeiramente reuniram os artistas, criando uma corrente positiva, uma vez que isoladamente nada conseguiram” (FIGUEIREDO, 1979, p.93).

Com o fim da Sociedade Pró-Arte, Neddermeyer, José Eldiberto da Veiga e Jorge Félix de Souza²⁰ criaram uma espécie de escolinha de arte, em 1948, eles passaram a lecionar pintura de graça. Conseguiram ter mais de 20 alunos, que se reuniam ao ar livre em Goiânia, mais especificamente na Praça Cívica, “era o impressionismo chegando à Província” (FIGUEIREDO, 1979, p.93). Como a nova capital não tinha um espaço para se ensinar arte, o governador Pedro Ludovico Texeira cedeu duas salas no Museu Estadual de Goiás para que elas ocorressem.

Os intelectuais remanescentes da Sociedade Pró-Arte continuavam com o projeto de implantar uma escola de arte em Goiânia e se juntaram com outros nomes, como Peclat de Chavantes²¹, Gustav Ritter²² e Luiz Curado. Em 1950, Luiz Curado e Gustav Ritter planejavam fundar uma escola infantil para que se desenvolvessem as habilidades voltadas para desenho e instrução artística. Foi uma tentativa de associar teoria e prática, uma clara intenção de implementar novos conceitos artísticos na arte goiana, que ainda era dominada por arte tradicional²³, voltada para as paisagens.

Em 1950, chegou na Cidade de Goiás o frei dominicano Nazareno Confaloni. O frei foi convidado por dom Cândido Penso para pintar quinze afrescos dos Mistérios do Rosário,

²⁰ Nascido na Cidade de Goiás, em 1908, faleceu em Goiânia (sd). Era arquiteto e professor, com especialização em Modelagem e Aquarela (MENEZES, 1998).

²¹ Antônio Henrique Peclat – Nasceu na Cidade de Goiás em 1913 e faleceu em Goiânia em 1988. Desenhista e professor. Foi um dos fundadores da Escola Goiana de Belas Artes e do Instituto de Artes da UFG (MENEZES, 1998).

²² Henning Gustav Ritter – Nasceu em Hamburgo (Alemanha) em 10-03-1904, faleceu em Goiânia em 22-10-1979. Veio para América do Sul (Peru) em 1935, no ano seguinte para o Brasil. Foi escultor e professor e um dos fundadores da Escola Goiana de Belas Artes e do Instituto de Artes da UFG (MENEZES, 1998).

²³ Curado e Ritter sonhavam imprimir em Goiás as inovações da Arte Moderna, mediante um ensino mais avançado. Apesar de a Semana de Arte Moderna de 1922 ter marcado a modernidade no Brasil, estabelecendo novos parâmetros para o ensino de arte (na escola primária, secundária e superior), nas escolinhas de arte do Brasil da década de 50 ainda prevalecia um espírito mais conservador, voltado para uma linha mais clássica, mais próxima da orientação da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) (GOYA, 2010, p.2023).

na Igreja Nossa Senhora do Rosário, na Cidade de Goiás²⁴. O pintor conclui seu primeiro afresco, Anunciação, em 1951, e todo o Mistérios do Rosário em 1953, obra que ficou conhecida como a primeira pintura moderna em Goiás. O estranhamento foi recorrente, os vilaboenses comentavam “pintor louco, que tem Cristo com uma expressão terrível, sem distinção de Judas, Nossa Senhora barriguda, mascarados e todas aquelas figuras esqueléticas, fantasmagóricas” (SILVEIRA, 1991, p.31). Sobre esse estranhamento, Vigário coloca:

É de imaginar que naquela cidadezinha que na época era habitada por mais ou menos doze mil pessoas, quase todos católicos, o susto diante de tais imagens de afrescos seria enorme. Absorvido naquele ambiente rústico, Confaloni chegou ao seu próprio estilo individual. Em seu impulso figurativo em todo momento buscou redefinir as fontes de um conhecimento revigorado ao toque lento e curioso de outro que o identificou como o “pintor louco”. Sobre os comentários tecidos sobre os afrescos Confaloni respondia: “estas pessoas não entendem nada de arte” (VIGÁRIO, 2017, p.65).

Em 1952, Luiz Curado, sabendo do “pintor louco” que estava pintando os afrescos na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Cidade de Goiás, foi a seu encontro para conhecer seu trabalho e, desse encontro, surgiu a ideia de criar a Escola Goiana de Belas Artes. Eles se juntaram a Gustav Ritter e passaram amadurecer a ideia da escola de artes em Goiânia, até que Confaloni²⁵, ganhasse permissão para se mudar para a nova capital, o que logo foi concedido.

²⁴ No ano de 1950, em uma de suas viagens a Roma, encontrou-se com o dominicano Dom Cândido Penso, Bispo da Prelazia da Ilha do Bananal, com sede na Cidade de Goiás. Dom Cândido havia vindo de Goiás desde a década de 1930 quando fora nomeado para essa missão. Naquele ano estava em Roma à procura de religiosos para sua Prelazia.

(...)

Dom Cândido, sabedor da sensibilidade artística de Confaloni, que não era ausente aos problemas existentes naquele local distante da região que envolvia a Cidade de Goiás e o Rio Araguaia, tratou logo de fazer o convite que mudaria a vida de Confaloni para sempre: realizar os afrescos da Igreja do Rosário na Cidade de Goiás. Logo, a decisão já tinha sido tomada: Confaloni aceitou o convite para atuar como missionário na Prelazia de Goiás. Viria como religioso e também artista (VIGÁRIO, 2017, p.59).

²⁵ Apesar de Dom Cândido Penso ver com bons olhos a mudança de Confaloni para Goiânia, a autorização não seria concedida por sua parte. Era preciso apelar ao Superior da Ordem que deveria ser

Com isso, no dia 1º de dezembro de 1952, era inaugurada a Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), a primeira instituição de ensino superior especializada no ensino de artes da região²⁶. Na ata de fundação constam os nomes de frei Nazareno Confaloni, Luiz da Glória Mendes, José Lopes Rodrigues, Henning Gustav Ritter, José Edilberto da Veiga, Jorge Félix de Souza, Peclat de Chavantes e Luiz do Carmo Curado, muitos deles já tinham participado da Sociedade Pró-Arte de Goiás.

A Escola Goiana de Belas Artes se preparou para ter sua primeira turma no ano seguinte e chegou a ter um curso preparatório²⁷ para o exame de habilitação, de modo que naquele ano foram oferecidas três disciplinas: Desenho artístico e Pintura, ministrada por frei Confaloni e Peclat; Desenho Geométrico, ministrada por José Edilberto da Veiga e Modelagem, ministrada por Gustav Ritter.

Quando se fez a inauguração da Escola Goiana de Belas Artes, também foi feita a abertura da 1ª Exposição Coletiva de obras dos professores da EGBA. Além da exposição dos professores, também foram expostas obras de José Neddermeyer, que tinha falecido em 1951 e era um dos homenageados na exposição. Também havia obras dos índios Carajás

feita por intermédio de Dom Emanuel Gomes de Oliveira, Bispo de Goiânia. A solicitação seguiu ao Superior, Padre Suarez, e esta foi negada em função da falta de pessoal na prelazia Nullius do Bananal. Para autorização saísse, foi preciso por parte de Confaloni junto ao Dom Emanuel maior insistência e incluir junto a proposta de abertura de um convento dominicano em Goiânia (SILVEIRA, 1991 *apud* VIGÁRIO, 2017, p.71).

²⁶ A partir de então, encontravam-se em território goiano, outras vozes vindas de lugares longínquos preparados para conduzir o debate e o estado atual no qual se encontravam as artes em Goiânia naquele momento, rompendo com a visão periférica dos artistas, cujas temáticas estavam voltadas para pinturas de paisagens. Nazareno Confaloni (Frei dominicano, artista oriundo dos grandes centros de arte da Itália), Henning Gustav Ritter (alemão, escultor, formado sob orientação da Escola de Bauhaus) e Luiz Curado (filho da terram escultor e gravador) seriam o trio articulador do modernismo nas artes em Goiânia, com momento inaugural da Escola Goiana de Belas Artes, afirmando de forma efetiva suas orientações estéticas no diálogo com correntes modernistas (VIGÁRIO, 2017, p.194).

²⁷ Belas Artes – Já se acham abertas as matrículas no Cursinho que prepara os candidatos ao vestibular da “Escola Goiana de Belas Artes”, todos os dias das 7 às 10 ou das 12 às 15 horas, no Colégio Oficial, a serem tratadas com o sr. Clóvis Perillo (FOLHA DE GOYAZ, 20 de fevereiro de 1953, p.02).

e de Veiga Valle, que pela segunda vez teria suas obras expostas em Goiânia. No dia 29 de março de 1953 o jornal O Popular noticia a exposição:

Relizar-se-á amanhã, às 19 horas na Faculdade de Filosofia, nesta Capital, sob a presidência de Dom Abel Ribeiro, diretor daquele estabelecimento a solenidade de abertura do primeiro salão de artes plásticas da Escola Goiana de Belas Artes, recém fundada. Nesta primeira exposição apresentarão trabalhos dos professores deste novo estabelecimento de ensino em homenagem o Sr. José Neddermeyer, já falecido, considerado um batalhador pelas artes, em Goiânia. O Sr. José Joaquim da Veiga Vale, artista goiano do século XIX; e os índios carajás primitivos artistas goianos (O POPULAR, 29 de março de 1953, p.04)

A Escola Goiana de Belas artes teve a exposição elaborada pelos professores, de forma que mostrasse o tradicional e o moderno. O moderno representado pelos professores e a arte tradicional representada pelas dos índios Carajá e pelas esculturas de Veiga Valle. Em texto de frei Confaloni, publicado antes da exposição, no jornal Folha de Goyaz, é mostrada essa intenção:

Atualmente a Escola Goiana de Belas Artes está organizando uma exposição de trabalhos dos professores e que no pensamento dos organizadores terá, principalmente um cunho didático. Pelas diversas tendências das obras ali expostas, o público terá visão da democracia que será instaurada no ensino.

Poderão, também, os visitantes da exposição, apreciar belíssimos trabalhos do nosso grande Veiga Valle, em contraste com o primitivismo de algumas peças pelos carajás (FOLHA DE GOYAZ, 13 de março de 1953, p.02) (grifo nosso)

A exposição contou com 20 obras de Veiga Valle (anexo 20). Foi colocada em uma sala e intitulada de “Esculturas do goiano VEIGA VALE”. Abaixo, parte das imagens contidas na exposição.

Figura 01 - Obras de Veiga Valle expostas na aula inaugural da Escola Goiana de Belas Artes, 1953. Fonte: RENOVAÇÃO, janeiro de 1955.



Fonte: RENOVAÇÃO, janeiro de 1955.

Essa exposição foi um ponto crucial para a arte de Veiga Valle, pois a partir dela se pode observar como se deu a recepção de sua obra no meio artístico goiano. A obra de Veiga Valle vai representar o passado da arte goiana, o seu início, ele passou a ser o contraponto da arte moderna que tentava se iniciar em Goiás. Essa hipótese se fortalece

quando se observa duas reportagens, uma publicada no jornal Diário de Notícias (RJ) no Suplemento Literário, sessão de Artes Plásticas, e outra na Folha de Goiaz:

A Pintura em Goiás

Encerrar-se-á amanhã o 1º Salão de Artes Plásticas, realizado em Goiânia com obras de artistas contemporâneos ali residentes, entre o padre Nazareno Confaloni, que expôs 31 óleos, 2 afrescos e 30 desenhos; e Antônio Peclat, José Edilberto da Veiga, Jorge Félix de Sousa, H. Gustav Ritter e Luis Curado. **O Salão também homenageou o passado das artes plásticas no Estado, expondo esculturas de Veiga Vale (sec. XIX), pinturas de José Neddermeyer e cerâmicas dos índios Carajá** (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19 de abril de 1953, p.5 in SANTOS, 2023) (grifo nosso).

E vamos, então, conhecer Veiga Valle, o artista goiano do século passado, com suas fabulosas esculturas religiosas. (...) porém, diante daquelas imagens de madeira, com seus detalhes impressionantes, com tal leveza de gesto, e beleza plástica, tão rica, a gente como que perde a capacidade de escrever, de falar e até de escolher. Não queremos esquecer o papel que tiveram os diferentes proprietários das obras de Veiga Valle, que as cederam para que pudéssemos admirar em conjunto a obra do grande artista (...). Os dois “Meninos”, a “Senhora da Abadia”, o “São Miguel Arcanjo”, e sobretudo o “Cristo Crucificado”, um Cristo que ainda sofre, e distende os músculos e parece gemer – todos palpitam de vida e sentimento (FOLHA DE GOIAZ, 14 de abril de 1953, p.04) (grifo nosso).

Os artistas da Escola Goiana de Belas Artes passaram a divulgar a obra de Veiga Valle e pegaram para si a responsabilidade de protegê-la. A publicação da revista Renovação, em 1955, tem sua edição exclusivamente para divulgar as ações da EGBA²⁸, desde sua fundação e sua atuação no I Congresso Nacional de Intelectuais (1954). O editorial da revista, que fala das intensões e esforços dos membros da EGBA, coloca essa intenção de divulgação e proteção das obras de Veiga Valle:

²⁸ Este caderno de RENOVAÇÃO é um “trailer” apenas, uma ligeira idéia do que realizaram, em pouco tempo, os prestimosos artistas da EGBA, chefiados pelo seu diligente diretor – o Prof Luiz Curado – com a ajuda de Frei Nazareno Confaloni, - êsse notável manipulador do pincel, que nos leva ao mundo a idéia pura, sem nos fazer perder a recordação da terra – e ainda com os estímulos e a tenacidade do Prf. Henning Gustav Ritter, incansável planejador dos arranjos e dos entalhes, que dão alma e fala ao bronco pedaço de madeira; enfim, com a preciosa colaboração de todos os festejados artistas que compõem o Corpo Docente da Escola Goiana de Belas Artes (RENOVAÇÃO, janeiro de 1955, p.03).

O que há de mais emocionante na tarefa nobiliante a que êles se propõem é, a nosso ver, o humanístico empenho de catalogar e restaurar a obra dos que os antecederam, o trabalho dos santeiros e entalhadores do sertão, dos escultores e paisagistas que a impiedosa pátina dos tempos ia ofuscando, num prejuízo, que não resgataria nunca mais.

Talvez a nossa e às gerações futuras passariam ignorados os inestimáveis trabalhos de Veiga Valle, o mais genial de todos, se o espírito investigador desses abnegados professores da Escola Goiana de Belas Artes não fôsse exumar, nas dobras do esquecimento, soterrados na tumba da usurária ignorância dos seus detentores, os cacos velhos remanescentes de jóias dignas dos mais disputados escrínios da arte brasileira (RENOVAÇÃO, janeiro de 1955, p.03) (grifo nosso).

Ao falar da aula inaugural da Escola Goiana de Belas Artes, o prof. Jordão de Oliveira, da Escola Nacional de Belas Artes, que representava Rodrigo de Melo Franco, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), iniciou fazendo um histórico da arte no Brasil. Comentou especificamente sobre cada professor da EGBA, e ao falar José Edilberto Veiga, colocou-o como herdeiro “desse imenso escultor e imaginário Veiga Vale”. Especificamente sobre o artista, o conferencista coloca:

Nêle, não só o escultor, mas também o pintor se entegra na valorização dessas imagens magnificas, sem a menor descaída. Não sabemos como tanta distinção, tanta nobreza se permitem a um artista solitário, vivendo em um meio onde não lhe era possível convivência de maiores estímulos. **O Patrimônio precisa, sem demora, tombar essas obras e o Estado de Goiás evitar sua fuga** (RENOVAÇÃO, janeiro de 1955, p.05) (grifo nosso).

Pode-se observar que o discurso foi baseado naquilo que foi construído no relatório de João José Rescala, no qual Veiga Valle seria o único artista que existia na Cidade de Goiás e no estado. Na época em que Veiga Valle produziu sua obras existiam outros artistas, então ele não era solitário (SANTOS, 2023). O professor sugere que obras de Veiga Valle sejam tombadas, no entanto uma de suas obras, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, já tinha

sido tombada em 1950, quando ocorreram os primeiros tombamentos na Cidade de Goiás, porém esse assunto será desenvolvido em momento específico.

O professor Luiz Curado fez um texto para a revista, intitulado Veiga Vale – o Fra Angelico brasileiro. No texto, vários pontos são importantes para se observar a recepção da obra de Veiga Valle no meio artístico e, para isso, trataremos deles de forma separada. Com base no relatório de Rescala, o texto se inicia com uma biografia do artista, um dos pontos é passar a colocar Veiga Valle ao lado de artistas como Fra Angelico e Aleijadinho:

O pintor florentino, frei Nazareno Confaloni – prof. da Escola Goiana de Belas Artes – num momento feliz, enquanto admirava pela vez primeira obras de Veiga Vale, com acêrto, definiu o autor: **“É o FRA ANGELICO BRASILEIRO”**.

Frei Giovanni de Fiesole passou à história apenas conhecido por “Fra Angelico”, talvez “porque ilustrou na terra as cenas que sómente os anjos contemplam no céu”. Muita justa a comparação feita por fr. Confaloni, irmão do Beato Angelico na ordem e na linguagem artística.

Nas obras de Veiga Vale, algo celestial se pressente na suavidade e finura do colorido; algo de inatingível na espiritualidade do acabamento escultório,; muito angelical na pureza das formas e concepções; muito milagroso na multiplicidade de apresentação de um mesmo tema (RENOVAÇÃO, janeiro de 1955, p.06) (grifo nosso).

Na época em que Veiga Vale realizava, em Vila Boa, as obras que hoje nos despertam admiração; em Vila Rica, o Aleijadinho, com seu incasável cinzel, abria uma senda de glórias que lhe imortalizaria o nome.

Pode-se, perfeitamente, estabelecer um paralelo entre os dois escultores. Igualaram-se na produtividade; assemelharam-se na espiritualidade das formas; amoldaram que cada um, a seu modo, conseguiu imprimir algo de novo no amontado de curvas e contra-curvas do “barrôco português”, produzindo peças que são inconfundíveis por traços personalísticos; o mineiro, com arte decorativa e arquitetônica; o goiano, com uma arte escultória e pictória. No Aleijadinho, à harmonia das curvas ornamentais sobrepõe-se o cunho monumental de suas obras. Em Veiga Vale, o inegável valor escultório é sobrepujado pelo inimitável pictorismo de suas tintas. (...)

Aleijadinho é estrêla de primeira grandeza na constelação de artistas de sua terra; Veiga Vale é astro único nos céus da arte goiana. Entretanto, se aquêle é mundialmente conhecido o nome deste até hoje não pertence à história (RENOVAÇÃO, janeiro de 1955, p.28) (grifo nosso).

Ao colocar Veiga Valle ao lado de Fra Angelico e de Aleijadinho, o artista goiano ganhou mais um selo para fortalecer a ideia de sua importância para a arte goiana. Outro ponto a ser destacado é que foi o professor Luiz Curado que criou a ideia que Veiga Valle seria um gênio e um inspirado, “Se não ousamos afirmar ter sido Veiga Vale em gênio pelo menos temos que admitir que possuía uma fecunda inspiração genial, palpitante em suas obras. Seria mais acertado chamá-lo “um inspirado”, que um “autodidata”” (RENOVAÇÃO, janeiro de 1955, p.28). Esse tema foi discutido e refutado no Capítulo 01 dessa dissertação, no entanto essa ideia ainda prevalece na maioria das vezes em que se remete a Veiga Valle.

Finalizando seu texto, o professor Luiz Curado, que também era diretor da Escola Goiana de Belas Artes, colocou que um dos principais empenhos da EGBA será o de divulgar e preservar as obras de Veiga Valle:

A Escola Goiana de Belas Artes está empenhadíssima, mesmo ciente das dificuldades que terá a vencer, em criar o MUSEU VEIGA VALE, homenagem justa ao grande artista goiano, cujo nome precisa ser conhecido e divulgado, e cujas obras mereceram ser preservados com carinho (RENOVAÇÃO, janeiro de 1955, p.28).

O professor ainda escreve outro texto na revista, intitulado Nosso patrimônio Sacro-Artístico (p.27), comentando sobre a importância de se preservar a arte sacra goiana, principalmente devido a roubos e por restauros que danificaram as imagens. Para isso, os professores da EGBA sugeriram à Cúria Metropolitana a criação de um museu. Para esse fim, ele utilizou-se de artigos do Código de Direito Canônico, que falam sobre a arte figurativa nas igrejas e nos locais sagrados. A Cúria Metropolitana acatou a sugestão e nomeou Frei Confaloni e o professor para cuidarem da organização de uma Comissão de Arte Sacra , tendo as obras de Veiga Valle como principal referência.

A página da revista Renovação mostrou as ações feitas e futuras da EGBA, como a criação de uma biblioteca, o Instituto de Música, Exposição Infantil, uma Pinacoteca e Conferência no México. Também destacou a criação de um centro acadêmico, que foi

nomeado como Centro Acadêmico Veiga Valle , mostrando sua referência artística para os artistas estudantes da EGBA. Também o compromisso de se criar um museu de arte sacra:

MUSEU DE ARTE SACRA

Reunindo as obras de Veiga Vale e procurando ainda preservar da destruição velhas imagens, retábulos e outros trabalhos de entalhe existentes em antigas igrejas do Estado, a EGBA está tomando também a seu cargo a criação de um museu de arte sacra, já tendo mesmo entrando em entendimentos com as autoridades religiosas de Goiás e com o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (RENOVAÇÃO, janeiro de 1955, p.28).

A Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), ao se tornar um dos principais expoentes da arte e da intelectualidade em Goiás, foi convidada a colaborar na organização de um dos eventos culturais mais marcantes da história de Goiânia: o I Congresso Nacional de Intelectuais. A EGBA desempenhou papel fundamental na comissão organizadora, sendo incumbida da curadoria da exposição artística. Luiz Curado e Frei Confaloni foram encarregados de reunir obras de arte, incluindo pinturas, esculturas e gravuras, percorrendo o interior de Goiás e convidando artistas de outros estados.

Com a transferência da capital para Goiânia, a figura de Veiga Valle foi comentada pelos artistas que visavam constituir um novo ambiente artístico no estado, sendo ele feito como referência em contraposição ao projeto de renovação. O reconhecimento de sua obra e sua valorização no cenário artístico local desenvolveu para fortalecer os grupos hegemônicos que buscavam legitimar a conexão entre história, cultura e arte na antiga capital.

Conclui-se que o protagonismo da EGBA em sua proposta de criar um novo ambiente artístico na nova capital, bem como a apropriação simbólica da obra de Veiga Valle, foram elementos estratégicos para a consolidação de uma identidade artística goiana. A valorização da tradição, associada à construção de um novo cenário cultural, reforçou a intersecção entre o passado artístico e as novas aspirações culturais de Goiás, legitimando, assim, a atuação de grupos artísticos e intelectuais na formação de uma cultura regional.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Aline. **Artes Plásticas no Centro Oeste**. Cuiabá: Edições UFMT/Museu de Arte e Cultura Popular, 1979.

GOYA, Edna de Jesus. **O Ensino Superior de Artes Plásticas em Goiás: A Escola Goiana de Belas Artes (EGBA)**. In: 19º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS “ENTRE TERRITÓRIOS”, 2010.

MENEZES, Amaury. **Da Caverna ao Museu** – Dicionário das Artes Plásticas em Goiás. Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998.

SANTOS, F.M. **Veiga Valle: Da morte do Homem ao Nascimento do Artista (1874-1983)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades na área interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

SANTOS, F.M. **Veiga Valle: Recepção em estudo de identidade e tradição (1940-2001)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

SILVEIRA, PX. **Conhecer Confaloni**. Goiânia, Editora UCG, 1991.

VIGARIO, Jacqueline Siqueira. **Diante da Sacralidade humana: produção e apropriações do moderno em Nazareno Confaloni (1950 – 1977)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

Arquivo da Fundação Frei Simão Dorvi – (AFFSD) Cidade de Goiás – GO

Revista “*Renovação*”. Goiânia, Ano III, n.01, janeiro de 1955. Caixa II sobre Veiga Valle.

Arquivo Histórico Estadual de Goiás – Goiânia - GO

Jornal “*Folha de Goiaz*”. Goiânia, 28 de outubro de 1945, p.02.

Jornal “*Folha de Goiaz*”. Goiânia, 06 de novembro de 1946, p.03.

Jornal “*Folha de Goiaz*”. Goiânia, 22 de outubro de 1947, p.02.

Jornal “*Folha de Goiaz*”. Goiânia, 20 de fevereiro de 1953, p.02.

Jornal “*Folha de Goiaz*”. Goiânia, 13 de março de 1953, p.02.

Jornal “*Folha de Goiaz*”. Goiânia, 14 de abril de 1953, p.04.

Jornal “*O Popular*”. Goiânia, 29 de março de 1953, p.04.